



Riscos e Rabiscos **Lendo a Cidade**

lendo a **CIDADE**



PATROCINADOR

PRODUÇÃO

REALIZAÇÃO



arte3 conceito

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DA CIDADANIA





lendo a **CIDADE**

A comunicação é o grande instrumento de transformação do mundo e das organizações. Esse mundo em transformação é feito por pessoas que se comunicam entre si todo o tempo.

Palavras constroem pensamentos, estruturam a economia, ampliam as possibilidades sociais. Os números e as letras constituem o universo com que lidamos espontaneamente no nosso dia-a-dia.

Todos nos comunicamos porque existe um código da fala e da escrita: o alfabeto. Estender ao grande público uma compreensão mais ampla dessa história e sua atualidade nos levou, como um banco que acredita no poder transformador da comunicação a apoiar, junto com o Ministério da Cidadania, a exposição **Riscos e Rabiscos: lendo a cidade**, com curadoria de Leonel Kaz.

É história da comunicação por intermédio das letras e escritas. Ela vem sendo inventada, pintada e costurada desde as cavernas, passando pelos egípcios e mesopotâmicos, pelos hebreus e fenícios, pelos gregos e romanos. Todos procurando criar, no Ocidente, sua escrita, seus alfabetos, suas palavras e chegamos até os dias atuais a uma cidade viva e pulsante como São Paulo, capaz de produzir uma linguagem tipográfica original, uma linguagem visual das ruas trazida para a atmosfera cultural aqui no Farol Santander.

Ótima visita!

Patricia Audi

VICE PRESIDÊNCIA DE COMUNICAÇÃO, MARKETING,
RELAÇÕES INSTITUCIONAIS E SUSTENTABILIDADE

lendo a **CIDADE**

Curadoria Leonel Kaz

Farol Santander, São Paulo
12 jul – 3 nov 2019



Uma cidade fala conosco.

Já pensou nisso? Fala e se comunica por várias linguagens. Uma delas é a linguagem das letras. As letras que estão nas ruas, nos bueiros das calçadas, nos letreiros, essa que você lê agora.

Todos procuramos nos comunicar por meio destes fascinantes códigos escritos pela história: os alfabetos e os números. O mundo inteiro se articula e existe, convive e produz, ama e cria com palavras.

São duas grandes histórias que se encontram aqui. A clássica, que mostra desde quando o primeiro homem começou a desenhar riscos e rabiscos em cavernas. Criou escritas, hieróglifos e alfabetos. A outra, que se faz história no dia-a-dia, é a contemporânea. A que mostra como São Paulo está sendo capaz de criar uma linguagem tipográfica própria com grafites, giz, lambe-lambes, carimbos, caligrafia, o pixo em néon.

E mostra ainda, em interatividade e fotos de época e de hoje, como as letras — substantivo feminino —, com seus contornos e arestas, são, definitivamente, belas.

A tipografia urbana paulistana é singular, fala conosco. Agora, fale com ela. **Comece aqui, agora...**

lendo a cidade.



Estas lindas letras atravessaram o Atlântico. Vieram de Portugal especialmente para esta exposição. São letras fabricadas em metal, na Suíça, durante os anos de 1950. Eram utilizadas em letreiros de lojas.



Lendo a Cidade com outros olhos

“A tipografia encontrada nas ruas de São Paulo esconde sua beleza por toda a cidade, nas fachadas, nas esquinas, nos luminosos e até nas tampas de bueiros. Em trânsito, lemos e vemos letras feitas por profissionais e amadores, em suportes nobres ou corriqueiros, duráveis ou efêmeros. Elas compõem mensagens em peças de comunicação gráfica e eletrônica com missões variadas, destinadas a públicos distintos, com suas urgências e propósitos. Inseridas no meio-ambiente urbano, convivem com a escrita dos pichadores e traduzem o espírito da cidade: multifacetada, multirracial e culturalmente vibrante. Devemos observar que as letras “escondidas” por trás das mensagens tem personalidade e, no espaço urbano, não são apenas veículos silenciosos do conteúdo. Elas vestem o texto ao gosto do freguês, emprestando estilo, voz, sabor. Podem nos levar de volta ao passado ou dar forma à nossa experiência de contemporaneidade. Ladislav Mandel, em seu livro *Escritas, Espelho dos Homens e das Sociedades*, faz uma distinção fundamental, lembrando que existem letras para ler, aplicadas em textos corridos e letras para ver, que tem a função de atrair o olhar, em textos breves.

Quando lemos um texto impresso, disposto em páginas cuidadosamente ajustadas, com palavras legíveis e letras harmoniosas, ou quando vemos um cartaz com uma mensagem composta em letras potentes e atrativas, simplesmente assimilamos as ideias contidas. Não costumamos prestar atenção às suas formas e nem nos dar conta da complexidade envolvida na produção de uma fonte tipográfica. Em um projeto de fonte, os profissionais do type design confrontam aspectos técnicos da computação gráfica e princípios estéticos inerentes a uma herança visual acumulada em mais de 2.000 anos.

Por outro lado, quando vemos uma placa singela, no centro da cidade ou na periferia, feita por alguém que sente a necessidade concreta de comunicar algo com poucos recursos, deve-se enxergar esse fenômeno com outros olhos, levando em conta que as peças informais de comunicação visual gráfica também compõem a feição da metrópole paulistana.”

Cláudio Rocha

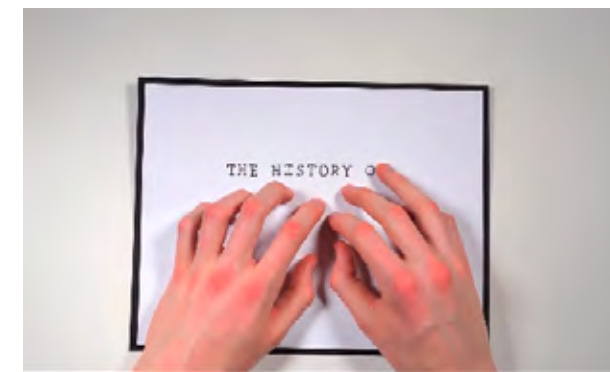
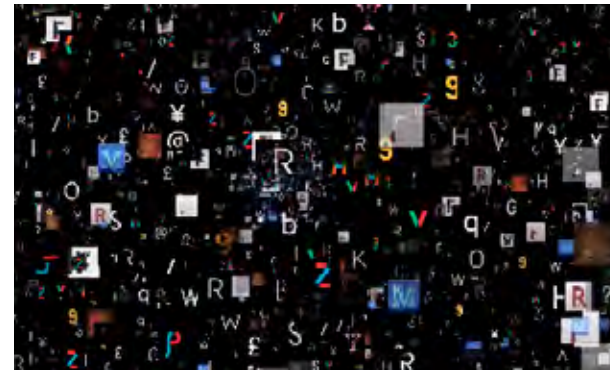


A história da Letra e da Escrita

O vídeo também se chama “O mundo é uma barafunda de letras”... E é mesmo! O vídeo animado, criado especialmente para a exposição, mostra como hieróglifos e escritas tomaram a forma de letras, desde o homem das cavernas até aos dias de hoje. São 8 minutos de belas imagens fotográficas ou reinventadas, mostrando a relação que existe, em cada período histórico, entre arte, arquitetura e o desenho das letras. Um trabalho visual de Flavio Reis, com sonoridades de Matheus Leston, consultoria de Carlos Horcades, roteiro e direção de Leonel Kaz.



assista ao vídeo online



História da Tipografia: o vídeo do Ben

Ben Barret-Forrest é um canadense, designer gráfico e compositor musical. Ele tem paixão pela história da tipografia e consegue criar conteúdos utilizando as fontes de letras em sua máxima expressão de beleza. Nesse animado vídeo, Ben conta a história da criação dos tipos de letras (ou fontes) e de como você pode conhecê-los melhor e diferenciá-los. Divirta-se!

Entre 2014 e 2017, Ben foi diretor de arte do jornal The Globe and Mail da cidade de Toronto, no Canadá. Depois, passou um ano percorrendo os Estados Unidos e México num Volkswagen Camper (não temos esse carro-acampamento por aqui), desenhando durante a viagem. Ben também criou jogos de cartas educativos. Seu website é benbf.ca.



assista ao vídeo online



O Grafite de Daniel Melim

Nascido e criado em São Bernardo do Campo, Daniel Melim, desde 2000, vem desenvolvendo intervenções urbanas utilizando o estêncil (técnica que permite que você aplique tinta, com spray ou não, através de corte ou perfuração feita em acetato ou papel, em um desenho qualquer, que vai passar para o novo suporte: uma parede, uma tela, um toco de madeira). Diz o artista, nascido no bairro operário de Ferrazópolis: “Absorvi muita coisa de referência visual, propaganda, cartazes, panfletos, jornais e isso me ajudou no meu repertório e contribuiu para que eu desenvolvesse um senso crítico em relação às coisas que aconteciam no bairro, na cidade, no país... As primeiras HQs que vi foram num panfleto de greve.”

São Bernardo também tinha uma pista de skate no Paço Municipal e Melim ia até lá: “No começo, fazia o estêncil numa folha de cartolina e saía à noite com um spray, junto com os amigos, para algum rolê.” A linguagem das ruas, da *street art*, do grafite, caracteriza até hoje sua obra que ele continua a realizar em espaços deteriorados que fornecem inúmeros elementos compositivos, como bairros afastados do ABC Paulista, atingindo um público que normalmente tem pouco acesso à arte. Além dos trabalhos nas ruas, Melim vem apresentando sua pintura na Galeria Choque Cultural, Museu AfroBrasil, Memorial da América Latina, Bienal de Valência na Espanha, MASP, entre outros. O grafite que você vê aqui foi concebido originalmente para esta exposição.







O Neon de Órion

Nascido em 1978, Alexandre Órion iniciou sua atividade artística em 1992, sob influência da cultura urbana e do universo do grafite, quando passou a interagir com a cidade de uma maneira muito singular. Nas palavras do próprio artista, “a cidade é carregada de significados”. Órion realizou exposições no Centro Cultural Banco do Brasil, Itaú Cultural, Centro Cultural da Caixa e Pinacoteca. Tem obras publicadas pelas editoras Thames and Hudson, Taschen, Éditions de la Martinière e Phaidon, entre outras. Suas obras estão nos acervos da Foundation Cartier pour l’art contemporain, Paris, Pinacoteca do Estado de São Paulo, do Centrum Beeldende Kunst de Rotterdam, Itaú Cultural, Deutsche Bank e Mad Museum, ambos em Nova York. O pixo em neon de Órion já esteve presente em outras mostras, mas sua originalidade artística é mais do que razão para tê-lo aqui, em contraponto com o “pixotosco” de Tony de Marco.

O Pixotosco de Tony de Marco

Tony de Marco, o Pixotosco, pinta nas ruas de São Paulo desde 2005. Cruza a cidade pedalando para levar suas letras e desenhos o mais longe possível, no melhor lugar possível, no maior tamanho possível. Na busca pela simplicidade e economia, rolo e extensor substituem o spray e a escada. Seus trabalhos se espalham por paredes, colunas, pontes, túneis, viadutos, calçadas ou qualquer outro equipamento urbano disponível na cidade. Trabalhou como ilustrador do jornal Folha de S. Paulo, entre 1987 e 1992. Criador da Macmania é atualmente coeditor da Tupigrafia, revista sobre tipografia e caligrafia. Foi premiado no Linotype International Type Design Contest com a fonte “Samba” em 2003. Seu ensaio “São Paulo No Logo” foi exposto no Design Museum, em Londres; Nederlands Fotomuseum, em Roterdã; e Expo 2010, em Xangai. A ilustração tradicional, feita com canetas e colagens, dentro de um grande jornal, o levou à ilustração digital muito cedo, em 1989. O computador permitiu seu ingresso no type design, tendo desenhado dezenas de alfabetos para as revistas que editou. A paixão pelas letras o levou a desenhar nas ruas de São Paulo, onde suas pinturas disputam o olhar com a cacofonia visual da metrópole.





A volta ao Giz de Cristina Pagnoncelli

Uma nova forma de expressão à moda antiga – a mesma que era usada nas lousas escolares – ressurgiu agora por meio de vários artistas, entre as quais Cristina Pagnoncelli, que ministra oficinas pelo Brasil afora e Argentina mostrando todas as talentosas possibilidades do uso do giz. Graduada em Programação Visual pela PUC-PR, em 2006, Cristina fez pós-graduação em Barcelona e especialização na School of Visual Arts em Nova York. Em 2013 começou seu ofício com o giz, de maneira coletiva, passando a ter sua Oficina de Giz, a partir de 2015, quando passou a viajar pelo país e pelo exterior, ministrando aulas na Argentina, Espanha, Itália e Portugal. Estas viagens para aprender ou ensinar levou Cristina a novas possibilidades, como ela diz: “Além dos estudos, das pessoas que conheci, dos museus que visitei, acredito muito que a experiência de viver em outro lugar foi o gatilho para despertar novas ideias. Observar a cultura, as intervenções urbanas, as sinalizações antigas e novas. Observar, absorver, processar, transformar.”







A Caligrafia de Gui Menga

Gui Menga começou a estudar caligrafia em 2008 com os professores Andréa Branco, Cláudio Gil, Luca Barcellona e John Stevens. No final de 2013, deixou a carreira de designer para se dedicar exclusivamente às letras, lançando o projeto *Daily Advice*, onde fez uma frase por dia durante 330 dias. Hoje divide seu tempo entre trabalhos para publicidade e design, além de sua pesquisa autoral caligráfica – que o leva a organizar workshops de caligrafia e lettering, em São Paulo, com mestres internacionais. Em 2015, participou da MALC – Mostra Aberta de Letrismos Contemporâneos, ao lado de mais 14 artistas, na galeria Casa Sinlogo. Em 2016, na mesma galeria, realizou sua primeira exposição individual. Neste díptico, concebido especialmente para a exposição, Gui Menga mostra a expressividade de seu trabalho com uma multiplicidade de formas de ler e ver os alfabetos.

O Feito à Mão de Victor Tognollo

A inclinação pelas letras feitas a mão... O Estúdio Itálico nasceu de uma parceria entre os designers Victor Tognollo e Camila Actum, em 2014, e desenvolve projetos usando exclusivamente Caligrafia, Lettering e Sign Painting (pintura em placas) em bares, restaurantes e no comércio em geral. Victor formou-se em Design Gráfico pela Faculdade de Belas Artes, São Paulo e cursou Artes Visuais na Fundarte, São Caetano do Sul. Em 2014 iniciou os estudos sobre caligrafia e lettering após realizar um curso de tipografia na University of the Arts, em Londres. Neste painel, criado originalmente para esta exposição, Victor consegue a proeza de pintar sobre quatro suportes distintos: a azulejaria, os tijolos, as placas de vidro (estas com letras em folha de ouro) e ainda sobre as paredes.





Os Lambe-Lambes de Gilberto Tomé

Os dois painéis que você vê aqui nas paredes que envolvem a Oficina de Carimbos foram feitos em impressão de serigrafia, a partir de originais fotográficos e tipográficos. O arquiteto e artista gráfico Gilberto Tomé, em seu estúdio Fonte Design, em São Paulo, desenvolve desde 1996 projetos gráficos de livros e outras publicações culturais, como o Mapa das Artes. Um de seus trabalhos, o *Livrocidade Água Preta* – livro composto por cartazes de rua – foi apresentado no Itaú Cultural (Cidade Gráfica, 2014), selecionado pela CLAP 10x10 (Contemporary Latin American Photobooks 2000-2016) e hoje integra o acervo gráfico da Pinacoteca de São Paulo. É importante que você perceba os sutis detalhes do trabalho de Tomé, feito em colaboração com Danilo de Paulo: esta obra que engloba as duas paredes foi realizada especialmente para esta exposição, mesclando imagens de uma São Paulo antiga e outra pra lá de contemporânea, valorizando os detalhes dos desenhos das letras e dos bueiros ou ralos de ruas.

Danilo de Paulo

É designer gráfico que co-dirige o ateliê *gráficafábrica*, elaborando pesquisas diversas e realizando oficinas. Seus projetos foram selecionados para exposições de design como a Bienal Iberoamericana de Diseño, Madrid (2016, 2018), Bienal Brasileira de Design Gráfico, ADG-Adegraf, Brasília (2017) e para mostra coletiva. *Como se pronuncia design em português – Brasil hoje*, Lisboa (2017).





Bem-Vindo à Oficina de Carimbos!

Escolha nas duas paredes laterais a primeira letra de seu nome ou a que você desejar.

Destaque uma folha e saia carimbando, a frente e o verso do papel.

Primeiro, escolha o carimbo. Depois, molhe o carimbo na tinta da almofada. Então, apoiado à mesa... Pode carimbar!

Se preferir, leve sua folha carimbada para casa!



Gráfica fábrica

Trata-se do ateliê-editora de Gilberto Tomé que, desde 2007, vem editando publicações com temas ligados à cidade, suas memórias e paisagens. Alinhados na parceria com o designer Danilo de Paulo, os trabalhos da gráfica fábrica se caracterizam pela experimentação gráfica, explorando as especialidades de cada linguagem ou sistema de impressão, feita ora no ateliê, em pequenas tiragens, ora em pequenas gráficas com tiragens maiores, mesclando xilogravura, tipografia, serigrafia, impressão digital e offset. A gráfica fábrica é a responsável pela Oficina de Carimbos.

Os banquinhos da **Oficina** com placas de trânsito são uma criação de Alexandre Órion.



ROADWAY





“A criança se educa, vivendo”

A frase acima é do educador Anísio Teixeira e foi escrita em 1929. Nada mais atual. É no cotidiano do fazer manual que também se aprende a lidar com o tato, a memória... a lidar com o outro, coletivamente. Este é o trabalho dos educadores, que tornam possível uma exposição que reúna o conteúdo histórico ao reconhecimento da cidade em que se vive, criando mais irmandade com ela. Fazendo dela, a cidade, suas pegadas, seus traços, seus riscos e rabiscos, uma razão a mais para se sentir parte de uma coletividade.

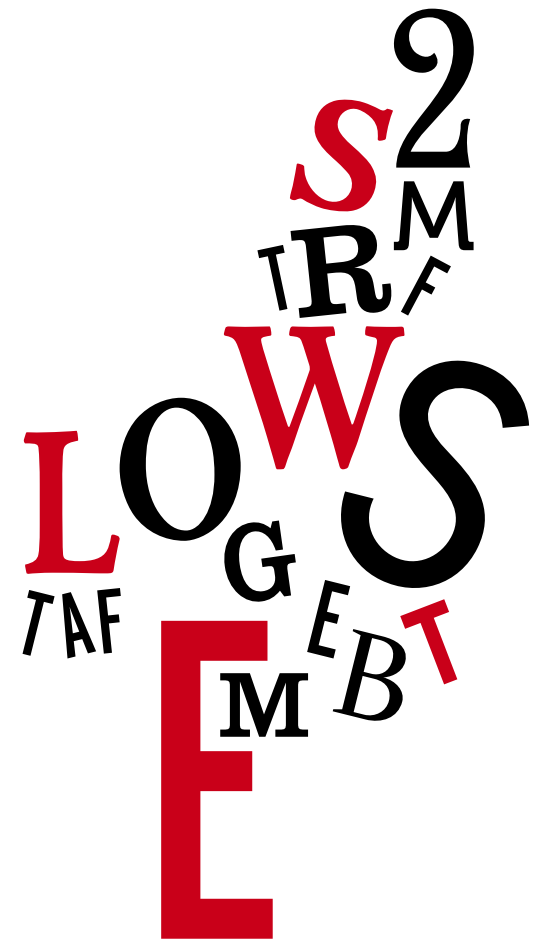
A Oficina de Carimbos é assim que funciona. Aliás, tudo o que funciona nesta exposição se deve ao empenho, aplicação e sabedoria com que Ana Helena Curti e Julia Brandão se aplicaram para tornar possível a tantos e tantos visitantes um raro momento de plenitude.



Broadway é o nome, na cidade de Nova York, do epicentro efervescente onde letras e músicas se amam e se contorcem em musicais, comédias e tragédias nos palcos. Broadway era também o nome de uma loja de painéis na rua Camerino, Centro do Rio.

Elas estavam no frontão do sobrado e foram desabando aos poucos, quando quase já completavam um século de existência. É... elas, as letras, têm uns bons 100 anos e, feitas em madeira de lei, continuam bojudas e roliças como convém ao estilo art-déco. Um cidadão carioca as comprou do proprietário da loja de painéis e, agora, as trouxe a São Paulo para se exibirem.

A foto, em preto e branco, de Carlos Moskovicz, do acervo do Instituto Moreira Salles, mostra uma loja de letreiros "em plena avenida Presidente Vargas carioca, na década de 1950", segundo Carlos Horcades, consultor desta exposição. Ao lado, a criação tipográfica de Sula Danowski e Nathalia Lepsch homenageia a foto em que predominam as letras A e E, além da palavra LOW...



tupigrafia

O projeto editorial da revista Tupigrafia propõe a livre articulação entre texto e imagem, tendo como estímulo e tema central a própria tipografia. Contrariando os padrões editoriais, o projeto gráfico previa, desde o seu início, em 2000, o uso de um logotipo diferente na capa de cada edição. O mesmo vale para os artigos, que utilizam tipos com estilo adequado ao conteúdo de cada matéria, na busca constante da liberdade de composição visual.

As letras surgem nas páginas da revista com status de imagem e de ilustração, realçando o seu valor estético. Os textos, por sua vez, observam uma estrutura formal que privilegia a boa condição de leitura, não dispensando o conhecimento técnico acumulado ao longo da história da tipografia.

Nesta sequência com as capas das dez primeiras edições temos uma amostra do espírito iconoclasta da publicação: letras carimbadas, coladas, distorcidas, fora de moda... produzidas manualmente ou com ferramentas digitais, com técnicas seculares ou novíssimas!

Resumindo, a Tupigrafia é uma publicação eclética e que não alimenta nenhum preconceito em relação a qualquer assunto relacionado ao universo das letras, seja ligado à cultura popular brasileira ou à refinada tipografia internacional.

Claudio Rocha e Tony de Marco

- 1 **Tupigrafia 7, 2007**
Logotipo grafitado com cal no asfalto de ruas do Campo Limpo, por Wagner (Pigmeus) e Ricardinho (Presídio 34).
- 2 **Tupigrafia 8, 2008**
Criação de Tony de Marco, produzida em ambiente digital com curvas vetoriais.
- 3 **Tupigrafia 10, 2012**
Tony de Marco reproduz padrões de cestaria artesanal indígena com o recurso de desenho vetorial.



1



2



3

al-fa-be-tos

A Sala dos Alfabetos propõe três diferentes camadas de leituras, embora todas encontradas no cotidiano de uma cidade como São Paulo, estuário de muitas vertentes de povos, etnias e invenções.

Os alfabetos não-latinos foram os dos imigrantes que traziam, em sua bagagem, uma riqueza enorme, com palavras em escritas ancestrais, diferentes da latina (que utilizamos). São exemplos em árabe, chinês, japonês, grego, hebraico e cirílico (usada na Rússia).

Os alfabetos criados por designers brasileiros mostram muitas novas fontes tipográficas, reinventadas a partir da cultura anônima popular, com letras que transmitem personalidade e valores de nossa terra (como a literatura de cordel), para além da padronização de letras imposta pela mídias eletrônicas.

As fontes tipográficas latinas clássicas e contemporâneas recriam o alfabeto que o mundo ocidental vem usando em diferentes épocas, mostrando, em legendas a aplicação destas letras: a fonte Helvética nas sinalizações do metrô, a Futura no letreiro do “Estádio Municipal” do Pacaembu e a Clarendon na tipografia urbana paulistana das placas de identificação das ruas.

Todos os cartazes foram criação de Danowski Design





PIXO RETO

Criada em 2007, a fonte *Brazil Pixo Reto* é uma interpretação de uma das mais famosas formas de expressão visual paulistana: a pichação. Os jovens da periferia escrevem o nome de seus grupos pelas ruas e no topo dos edifícios com letras magras, altas e espremidas, como os prédios que precisam escalar. Aqui a tipografia se transforma em um esporte radical e essa fonte presta homenagem a esses “atletas” do design.

ENTULHO

A pesquisa fotográfica realizada pelo designer Ricardo Mayer revelou um conjunto rico e variado de letras estêncil, estampadas no metal das caçambas de São Paulo. Essas letras e números, sujos e maltratados, foram recriadas e batizadas de *Entulho*, em 2011, com recortes aleatórios e exagerados para aparentar a técnica rudimentar dos pintores de caçamba. As letras foram arredondadas em suas terminações, para simular o efeito do spray.

Xilosa

A tipografia *Xilosa*, criada por Átila Milanio, em 2011, propõe uma releitura da escrita usada nas xilogravuras da literatura de cordel, famoso gênero literário popular do Nordeste brasileiro. Algumas características visuais da técnica de impressão em xilogravura – com matrizes de madeira – foram incorporadas pelo designer em sua fonte, como as falhas e imprecisões do entalhe na madeira, o desenho com geometria irregular e as arestas bem definidas.





SEU JUCA

Com a fonte *Seu Juca*, de 2008, a designer Priscila Farias resgatou o universo fértil da cultura popular brasileira, convertendo as letras pintadas a mão pelo letrista pernambucano João Juvêncio Filho, o Juca, em tipografia digital. A designer escolheu um dos muitos estilos de letra usados por Juca e desenvolveu uma família tipográfica composta por quatro fontes, todas formadas por letras desalinhasdas, que reproduzem uma perspectiva distorcida.

ABENÇOADA

As frases pintadas por Irmão Ramos inspiraram a criação da fonte *Abençoada*, realizada pelo projeto Pintores de Letras. Essa iniciativa resgata a cultura gráfica de Santa Catarina por meio da valorização dos letreiros, muros, faixas e cartazes criados por pintores que vivem no anonimato. Esses artistas não contam com conhecimento formal e produzem com base em seus próprios repertórios culturais e em princípios estéticos do ofício de pintor de letras.

BRAZILÊRO



A fonte *Brasilêro*, criada por Crystian Cruz em 1999 e lançada em 2003, resultou de uma análise de centenas de letreiros feitos à mão, encontrados em cidades de diferentes regiões brasileiras. Essa fonte reproduz o estilo informal e despretensioso dos pintores amadores e busca traduzir o impacto visual dessa cultura popular em uma tipografia digital.



Nicholas Jenson

Veneza | 1470



Jenson

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
1234567890!?() [] { } & @ # % ; :

Gutenberg e Jenson

O primeiro livro foi impresso na cidade de Mainz, Alemanha, a partir de 1450: a *Bíblia de Gutenberg*, também conhecida como *Bíblia de 42 Linhas*. O tipógrafo alemão Johannes Gutenberg inventou uma prensa de tipos móveis — daí tipografia — com caracteres que procuravam reproduzir a escrita gótica, utilizada nos manuscritos da época. No final do século XV, as formas góticas foram dando lugar a letras mais abertas, baseadas na escrita romana. O francês Nicolas Jenson, que atuou em Veneza, foi um dos pioneiros no aprimoramento dos tipos móveis; junto à clareza dos traços itálicos, seus tipos procuravam arejar os espaços internos e o entorno das letras.

O “Homem Letra” e a Garamond

Uma investigação sobre as formas ideais das letras foi apresentada pelo humanista francês Geoffroy Tory, durante o Renascimento. Em seu livro *Champfleury*, de 1529, ele vinculou a anatomia humana às proporções das letras. Claude Garamond, um discípulo de Tory, produziu e comercializou tipos elegantes, caracterizados pela excelência técnica e pelo requinte estético. Os livros editados nesse período — considerado os anos dourados da tipografia francesa — possuíam páginas claras e luminosas, com decorações delicadas e sofisticadas. Existem inúmeras releituras dos tipos de Garamond disponíveis em formato digital.

Claude Garamond

ABCDEFGH
IJKLMNOP
QRSTUVWXYZ
UVWXYZ

Garamond

abcdefghijklmnopqr
stuvwxyz
123456789
0!?() [] { }
& @ # % ; :

França | 1530



Didot

O francês Firmin Didot pertenceu a uma dinastia de tipógrafos-editores do século XVIII que se dedicou ao aprimoramento da tipografia para a produção de livros. O tipo que recebe o seu nome reflete o espírito do Iluminismo na tipografia, com princípios racionalistas opostos ao enfoque humanista dos séculos anteriores. Suas letras apresentam um contraste extremo entre traços grossos e finos e foram consideradas radicais. Aos olhos dos leitores da época, acostumados com blocos de texto escuros, elas pareciam excessivamente contrastadas e claras. Atualmente, essa fonte é símbolo de refinamento e elegância e está associada ao mundo da moda.

Clarendon

Com o surgimento da propaganda, no final do século XIX, as letras utilizadas nos cartazes deviam obrigatoriamente chamar a atenção. Nesse contexto, foram criadas fontes conhecidas por terem serifa grossas e pouco ou nenhum contraste entre os traços. O tipo *Clarendon*, criado por Robert Besley em 1845, se transformou em um enorme sucesso comercial. Essa fonte foi desenvolvida não só para o uso em títulos, mas também para textos corridos, com pesos visuais mais leves e diversas variantes, desde as mais condensadas às mais expandidas. Daí, ter sido muito utilizada pelos tipógrafos durante toda a primeira metade do século XX.

Robert Besley

Inglaterra | 1845



ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
1234567890!?() [] { } & @ # % ; :

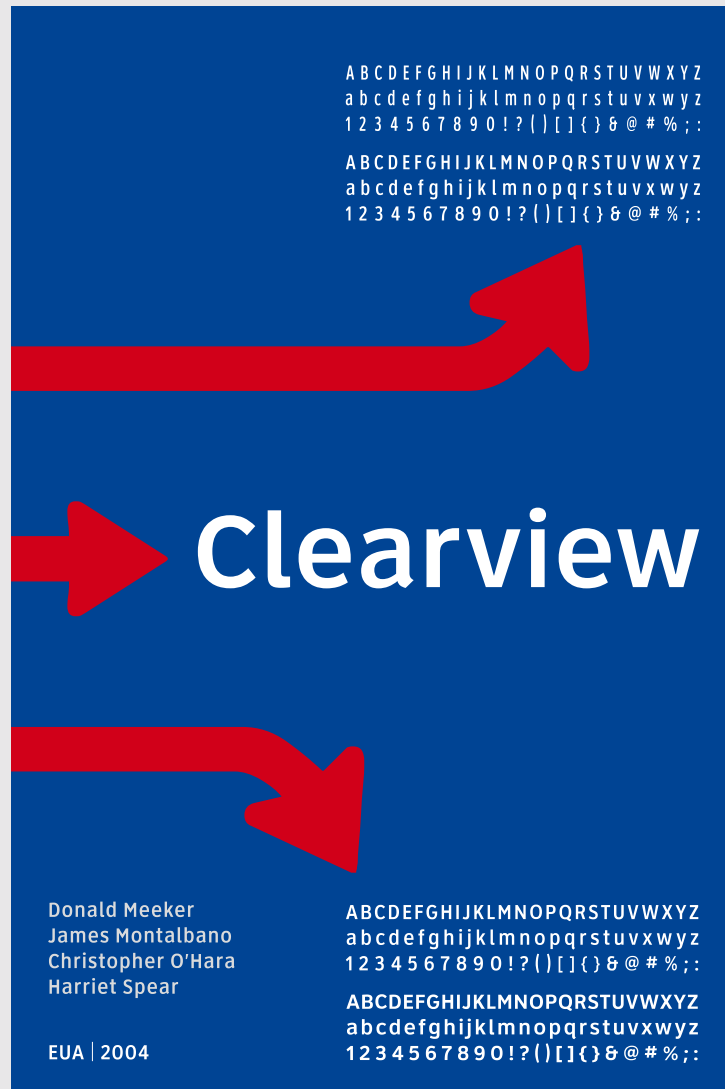


Futura

O pensamento moderno do início do século XX possibilitou uma nova forma de conceber a tipografia. A estética daquele período recorria às formas geométricas simples — círculo, triângulo e quadrado — para a construção de letras sem serifa, neutras e bem equilibradas, segundo os ideais construtivistas da escola alemã Bauhaus. A tipografia *Futura*, desenhada por Paul Renner e lançada em 1927, seguia esses princípios, transformando-se em ícone do modernismo. E continuando a ser um ícone para os mestres do design gráfico.

Clearview

Esta fonte sem serifa pode ser vista na sinalização urbana de São Paulo desde 2007, nas placas com os nomes das ruas paulistanas. A *Clearview* (visão clara, em inglês), foi consagrada por ser legível nas mais variadas condições de visibilidade. Desenvolvida na década de 1940, no Estados Unidos, como parte de um sistema de sinalização viária, possui letras com espaços internos generosos e hastes curtas. A nova versão da fonte, em formato digital, foi aperfeiçoada por uma equipe de especialistas, com revisões no espaçamento das letras e compensações óticas para aplicações em positivo e em negativo.

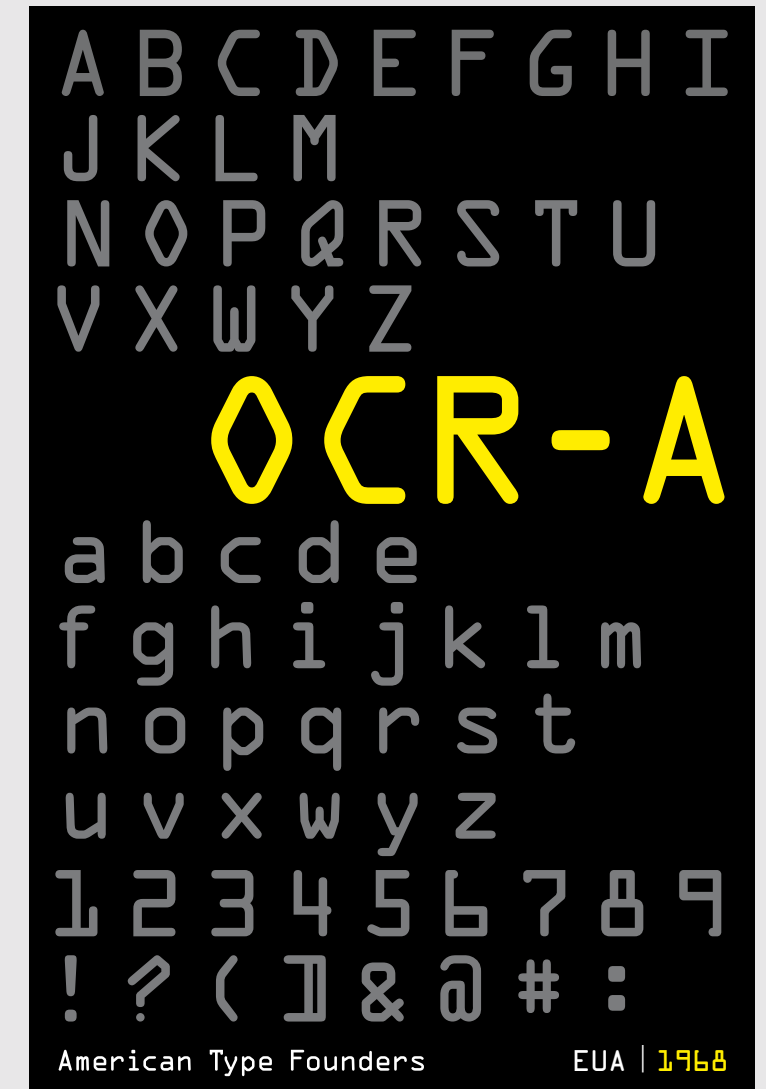


Helvetica

As fontes sem serifa, em geral, são amplamente utilizadas na comunicação visual em espaços públicos. Embora não tenha sido projetada para esse fim, a *Helvetica*, criada por Max Miedinger e Eduard Hoffmann, em 1957, possui desenho neutro, sem elementos singulares e com boa legibilidade. Atualmente, a *Helvetica* é uma das fontes mais celebradas e utilizadas no mundo, podendo ser vista em logotipos famosos, cartazes históricos e na sinalização pública pelo mundo todo. O metrô de São Paulo e o de Nova York são alguns exemplos.

OCR-A

OCR significa “reconhecimento óptico de caracteres”, uma tecnologia que converte informações impressas em dados eletrônicos, digitalizando e identificando números e letras individualmente. Esta fonte foi projetada pelo American Type Founders, em 1968, para ser perfeitamente legível por computadores. A tecnologia de reconhecimento de caracteres evoluiu, mas a *OCR-A* continua a ser útil, principalmente na automação bancária. As formas peculiares de seus caracteres levou o uso da *OCR-A* para a propaganda e para o design gráfico, associada ao universo da computação e da automação.





Em torno do Farol

O vídeo mostra, numa linguagem de videoclipe, os bueiros, letreiros, ralos, fachadas, postes e homens-cartaz que marcam a visão e a percepção da cidade a partir de suas letras. A proposta era esta mesmo: quem veio até esta exposição, agora pode retornar às ruas e olhar para a riqueza visual de alfabetos que a cidade proporciona. Este exercício começa em torno do prédio do Farol Santander. E, depois, no caminho da casa ao trabalho, à escola, ao clube cada qual pode começar a perceber como São Paulo tem uma riqueza própria, uma linguagem original com suas letras e palavras.

207 fotos em backlight: a São Paulo de ontem e de hoje

O que você verá nas 207 imagens, a seguir, é uma São Paulo de dois séculos: o 20 e o 21 em que as letras nunca deixaram de ter uma presença intensa, revigorada nas curvas propostas pela cenografia de Daniela Thomas e Felipe Tassara.

No passado, as imagens foram trazidas pelas lentes de grandes mestres da fotografia como Peter Scheier, Hildegard Rosenthal e Alice Brill (veja como os prédios em construção são carregados de letreiros, como os da famosa loja Mappin). No presente, três mestres da percepção percorrem esta São Paulo tipográfica de ontem e de hoje: José Roberto D'Elboux, com seu site @tipos paulistanos documenta, dia após dia, de forma arquitetada e amorosa, o acervo magnífico de letras em calçadas e em prédios da capital paulista; Maurício Nahas capta o tecido que a cidade entretetece dia e noite na superposição de camadas de cartazes, letreiros ou bueiros do Centro e periferia; Renato De Cara, que até recentemente era Diretor dos Museus Paulistanos, mostra uma leitura muito particular e singular do que a cidade deixa entrever em seus riscos e rabiscos.

Vale a pena você também exercer o seu olhar sobre esta cidade, no caminho de sua casa ao trabalho ou no caminho de volta do Farol Santander à sua casa. Veja como a cidade oferece, à gula dos seus olhos, um mundo novo de alfabetos para descobrir!



Fotos de época

O advento da fotografia jornalística, na década de 1940, iria mostrar o que era o Brasil aos brasileiros: índios, cidades, ruas, roupas e... cartazes. O Brasil de então só se conhecia pelos livros e pelas ondas do rádio, que começara a emitir suas frequências uma década antes. A época era riquíssima em linguagens de ruas (não tínhamos ainda a televisão e as mídias eletrônicas). As ruas — ou a “alma encantadora delas”, como dizia o cronista João do Rio — eram onde a cidade se apresentava em suas gulas, desejos, esperanças aos que nela transitavam, principalmente a pé. Uma legião de fotógrafos estrangeiros iria acorrer ao Brasil afora, a exemplo dos pintores viajantes do século 19, para nos mostrar a nós mesmos como povo e como nação. É a eloquência que você vê aqui, neste profundo retrato de São Paulo pelas lentes de Peter Scheier e Alice Brill, alemães; de Henri Ballot e Marcel Gautherot, franceses; e da brasileira Hildegard Rosenthal, entre outros.

A criação do Departamento Fotográfico da revista semanal O Cruzeiro, exatamente em 1940, dirigida pelo francês Jean Manzon, iria mostrar pela imagem os tipos brasileiros: o jangadeiro do Nordeste, o indígena da Amazônia, o cidadão comum das grandes cidades — como a daquela São Paulo que “não pode parar”. É este retrato apaixonante que os alemães Peter Scheier e Alice Brill, os franceses Henri Ballot e Marcel Gautherot e a brasileira Hildegard Rosenthal iriam captar. As imagens para esta exposição mostram um apuro técnico irrepreensível — muitas delas no formato de negativos em 6 x 6 cm —, ao lado de uma percepção sensível do cotidiano urbano. Como escreveu, certa feita, o crítico de arte Clarival do Prado Valladares: “Uma coisa é saber da história pelos historiadores; a outra é vê-la pelos olhos que a viram”. Agora é a sua oportunidade de conhecer ou rever estas imagens e... lavar seus olhos com essa São Paulo em que as letras se agigantavam diante do caminhar daquela geração.

1 Fotógrafo desconhecido.
Officinas de Pinturas em Geral, letras e decorações modernas,
déc. 1920, Rio de Janeiro.
Arquivo Família Danciger

2 Fotógrafo desconhecido.
Officinas de Pinturas em Geral, letras e decorações modernas,
déc. 1930, Rio de Janeiro.
Arquivo Família Danciger

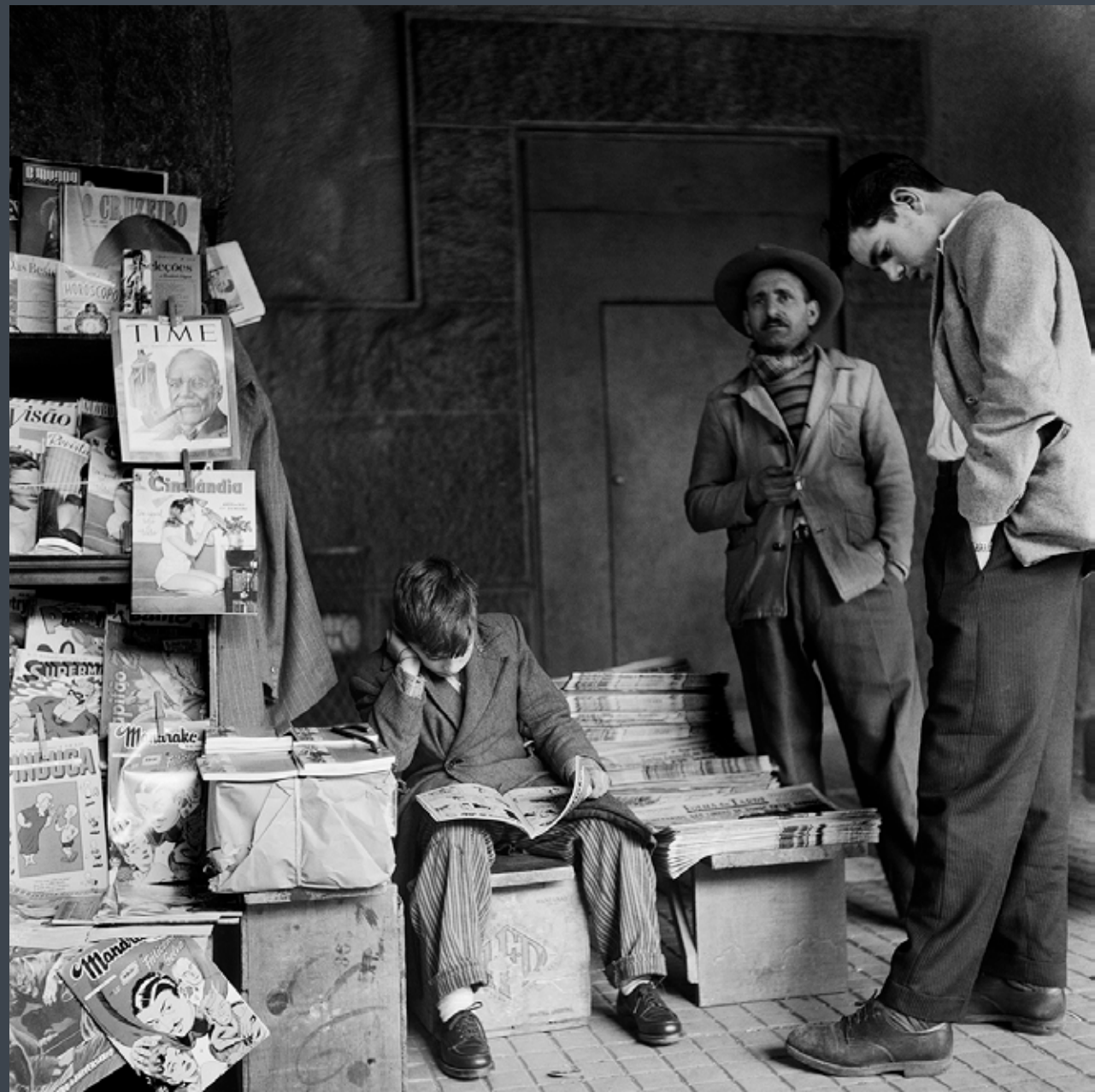




2 Vincenzo Pastore.
*Homens conversando em banco
de praça, São Paulo, 1910 c.*
Acervo Instituto Moreira Salles

3 *Fotógrafo desconhecido.*
Travessa do Comércio, 1911.
Acervo Fotográfico do Museu
da Cidade de São Paulo





5 Alice Brill.
*Banca de jornal no centro
da cidade, 1953 c.*
Acervo Instituto Moreira Salles

6 Alice Brill.
Cartazes, déc. 1950.
Acervo Instituto Moreira Salles





7 Alice Brill.
Edifício Conde Prates
em obras, 1954 c.
Acervo Instituto Moreira Salles

8 Henri Ballot.
Vista da praça Antônio Prado, 1952.
Acervo Instituto Moreira Salles



9 Domingos de Miranda Ribeiro.
Vista da praça Antônio Prado, 1965 c.
Acervo Instituto Moreira Salles

10 Irmo Celso.
*Rua Coronel Xavier de Toledo
e Praça Ramos de Azevedo, 1981.*
Abril Comunicações S.A.



Renato De Cara

Nasceu em Lins, SP, em 1963, mas vive e trabalha na capital. Formou-se em Jornalismo pela PUC-SP em 1985. Interessado em arte, cultura e moda, especializou-se em estética contemporânea, produzindo, escrevendo, editando e fotografando para os jornais Folha de S.Paulo e O Estado de São Paulo; as revistas Vogue, World Fashion, Select e Bravo. Foi coordenador do estúdio fotográfico da agência DPZ em 1993; do estúdio de criação Giovanni Bianco, em 2001, e do marketing da marca Cavalera, em 2008. De 2006 a 2017 dirigiu a Galeria Mezanino, quando foi curador de mais de 100 exposições que propunham novas linguagens na arte contemporânea. Em 2018, foi diretor do Departamento de Museus Municipais de São Paulo. Realizou ainda três exposições individuais de suas fotografias, respectivamente, em 1999, na Casa Fuji de Fotografia; em 2003, no Ponto Chic, Pinacoteca do Estado; e ainda, em 2011, na Galeria Mezanino.

“Arqueografia da Paisagem (1997 – 2007) é um ensaio fotográfico analógico sobre o uso e o desgaste dos suportes das mídias e da comunicação em espaços urbanos. Olhando para grandes outdoors, backlights, faixas e placas encontradas por acaso, considerei suas estruturas como sendo velhos monumentos de uma época e, daí, comecei a ressignificar suas mensagens reagrupando-as, para encontrar nelas novas leituras possíveis. Aqui, no caso, um pequeno recorte com quinze imagens se deu principalmente focado nas fachadas, entre tapumes e placas simples com lettering popular, que expressam os anseios de uma gente vibrando um português comum.”

Renato De Cara





Maurício Nahas

Maurício Nahas começou a trabalhar, em 1986, como assistente de fotógrafo no Estúdio Abril. Em 1995 abriu seu próprio estúdio, que tem projetos com as mais importantes agências de publicidade do país. Maurício, além de editoriais de moda e retrato, fez também projetos pessoais e foi diretor de cena no cinema, tendo conquistado 1 Leão de Ouro, 3 Leões de Prata e 3 de bronze no Festival de Cannes. Em 2005, 2007 e 2011, respectivamente, teve três exposições realizadas na Pinacoteca do Estado com a publicação simultânea de livros: o primeiro foi *Era uma vez em Havana*, com imagens de Cuba; depois *Cosmos*, com imagens da Rússia; finalmente, *Trilogia Vermelha*, com imagens da China. Em 2015, houve uma exposição no Museu AfroBrasil para o lançamento do seu longa documentário *Do Pó da Terra*, sobre o Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais.

Nahas é um fotógrafo dotado de extrema capacidade para perceber a realidade sensível, o sonho e o desejo por trás da realidade, a sutileza que o cotidiano mais dramático possa deixar transparecer. Nahas saiu pelas ruas de São Paulo, especialmente para esta exposição, tendo como objetivo capturar — sem meias palavras... — como as ruas e as vitrines transbordam em elementos de tipografia. Ele não saiu para captura poéticas, mas para trazer a dura e voraz realidade que consome os corpos, as paredes e o tempo. Exatamente por isto, por sair com o espírito liberto de qualquer limite, o que Nahas exhibe nas suas dezenas de imagens é “o avesso do avesso” que propunha Caetano Veloso: São Paulo em seu esplendor de cidade, de realidade e força de expressão urbana.







Eletricista
Proteja sua residência fazendo uma revisão na parte elétrica. Ligue:
98789-3436
96176-7648

ALUGA-SE
VAGA DE ALUGA-SE DE IMOBILIARIAS
LIGUE PARA MAIS INFORMAÇÕES
9 8008-8008 - Meu - Zap
9 8001-8017 - Oi
111) 9 8476-8488 - Tim
9 8000-8078 - Claro
Indicador: água, luz, gás e wifi

APRENDA MANDARIM

Eletricista
Serviço Regularizado com instalações elétricas e retrab. instalações.
98789-3436
96176-7648

IMPOSTO DE RENDA
Folha, Juntas e Juntas (DCTF) e Juntas de IR 1000
Abertura, Pagos e Declaração de IR
Assessoria para pagar de IR
Rua Comendador Constantino, 44
1º andar - Sala 402

IMPOSTO DE RENDA
Folha, Juntas e Juntas (DCTF) e Juntas de IR 1000
Abertura, Pagos e Declaração de IR
Assessoria para pagar de IR
Rua Comendador Constantino, 44
1º andar - Sala 402

ISÃO RTAS
PARA OS FINS -4059

PREVISÃO CARTAS TARÔ
SIMPATIA PARA TODOS OS FINS
3341-4000



8 Sete de Abril, Centro
9 Região Central de São Paulo
10 Rua São Caetano, Centro



José Roberto D'Elboux

Diretor de Arte e Arquiteto
@TiposPaulistanos

“Mesmo para olhos treinados, ou porque não dizer até, viciados na busca por inscrições pela paisagem paulistana, surpresas acontecem. Letras, são o que não faltam. Podem indicar direções, orientações, transgressões, nomes de prédios ou trazer ofertas que vão só até sábado, como dizia a antiga propaganda.

Um grupo específico de letras tem meu interesse: aquelas que fazem parte das edificações. Isso tem a ver com minha formação de arquiteto e pela vida profissional, passada em meio à direção de arte publicitária e o design gráfico, disciplinas onde a tipografia ocupa lugar eminente.

Nas edificações, o desenho das letras geralmente é feito de maneira exclusiva e, sua materialidade, as tornam ainda mais especiais, gravadas em rochas, moldadas em concreto ou fundidas em metal.

Me encantam particularmente, os letreiros *art déco*, estilo prolífico na São Paulo dos anos 1930 e 1940 que, sem receio de ornamentalismos, articulou tipografia e arquitetura, entrando na disputa pela atenção do público com os luminosos de néon e os anúncios que ocupavam o topo dos arranha-céus do *skyline* paulistano.

Nos registros fotográficos que faço para o Tipos Paulistanos, procuro ressaltar as particularidades dos desenhos tipográficos: sua aplicação em meio à obra arquitetônica, a consistência material e texturas. A divulgação pelas redes sociais da paisagem de São Paulo vista através deste filtro, tem sido gratificante, despertando além de um olhar inusitado, a consciência de que a preservação dessas letras deveria ser tão importante quanto a arquitetura que lhes proporciona suporte. Uma parte destes registros está reunida aqui. Eu, continuo lendo a cidade, letra por letra.”





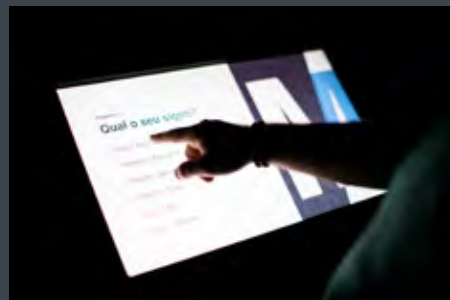
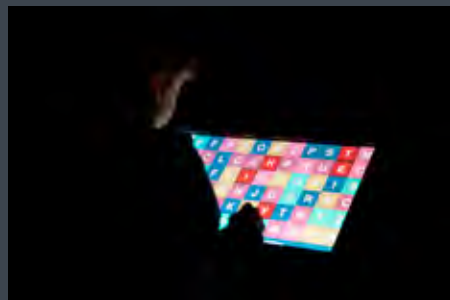


- 11 Praça da República
- 12 Barra Funda
- 13 Higienópolis





À entrada da Sala de Interatividades, um cartaz anuncia: “Entre e se transforme. Deixe as letras invadirem seu corpo. Depois, mergulhe nos games de caminhos e descobertas”. As criações da Aya Studio, de Antonio Curti e Felipe Sztutman, revelam o corpo em milhares de possibilidades de expressão. E ganharam a capas e as “orelhas” deste livro-catálogo... merecidamente.



SANTANDER BRASIL

Presidente
Sérgio Rial

Vice-presidente executiva de Comunicação, Marketing, Relações Institucionais e Sustentabilidade
Patrícia Audi

Superintendente executiva de Eventos, Patrocínios e Cultura
Bibiana Berg

FAROL SANTANDER SÃO PAULO

Coordenadora Geral Farol Santander
Karyna Nardelli

Coordenador Cultural
Carlos Trevi

Analista de comercialização de espaços e Eventos
Jonas Vilar

Estagiária
Tamiris de Melo Nunes

Analista de Facilities Gestão Predial
Simone Alves de Paula Fernandes

Gestão predial
Felipe Neiman
Vanessa Nogueira Affonso Oliveira
Cushman & Wakefield Ltda.

Bilheteiros, recepcionistas e monitores de operação

Amanda Pereira
Amanda Souza Santos
Anderson da Silva Teixeira
Audrey Elizabeth Lehenert Gozzolli
Brenda de Freitas da Silva
Bruno Lima Lapastina
Cintia Fernanda Oliveira de Souza
Dionice Gomes da Silva
Douglas Ferreira dos Santos
Eduardo Lima de Souza
Erika Cristina Ebenau
Fabiana Rodrigues Matos
Flora Maria Faggello Silva
Francisca Megumi Berroeta Noma
Gisele Turolla Manfio
Isabela Matos Ferreira
Isabelly Nunes Figueiredo
Jaciane Maria da Silva
Janaina Santana de Jesus Silva
Johnny de Alessio
Josenaldo Santos da Costa
Mariana Cardoso da Silva
Marília Silva Schitini Souza
Marlene Maria dos Santos
Matheus Pereira Matos
Nayara da Silva Santos
Patrícia E Silva Câmara
Regina Maria Santos Lima
Sarah Cristina da Silva Barbosa
Stefany Borges da Silva
Tarcísyo Andre de Lima Silva
Tatiana Riachão do Nascimento
Tatiane Matias de Oliveira
Thalita Ferreira da Silva
Thallyta Domenica Miosi
Thalyta Bruna Magalhães Silva
Vilane da Silva Bispo
Welton Fernandes Sousa
Ingresso Rápido Ltda.

Manutenção predial

Ademilson Bispo dos Santos
André Martins Gonsales
Avelino Alves de Mendonça
Bruna Cristina de Souza dos Santos
Bruno Marostica
Daniel Nilson da Silva
Diego MartinsM
Ednaldo Santos Nascimento
Eriberto dos Santos Andrade
Eurico Nunes da Silva
Felipe Silva Suzart
Ivanildo Vicente Costa
James Caetano dos Santos
Jose Marcos Sabino
Jose Mauricio Pascoal da Silva
Júlio Pereira de Melo
Leonardo Nobrega Barbosa
Leticia Tisiane Alves Lima
Marcelo Manoel da Silva
Marcos Antônio do Nascimento
Marcos Aurélio Dias
Paulo Benedito Borges
Roberto Carlos da Silva
Vitor Alexandre Gomes Henrique
Wellington dos Santos
Manserv Facilities Ltda.
Técnicos de áudio e vídeo
Andressa Diogo da Silva Simões
Guilherme Ferreira e Silva
KVM Comercial e Informática Ltda.

Manutenção de elevadores

José Valmir da Silva Nascimento
Ricardo Gonçalves dos Santos
Wellington Francisco Barros
Elevadores Atlas Schindler S.A.

Ascensoristas

Aline Silva de Andrade
Dalmacia Oliveira Rodrigues
Eliane Aparecida Rodrigues dos Santos
Rafael Francisco dos Santos
Rubenildo de Santana Ferreira
Vanessa Faria Dimas dos Santos
Haganá Serviços Especiais Ltda.

Equipe de limpeza

Denize Ribeiro Reis
Eliana Aparecida de Sousa
Fernanda Oliveira Vitoriano
Gabriel dos Santos Alves
João Olímpio Machado Filho
José Francisco da Silva Coelho
Lucas de Lima Santana
Luiz Carlos Ferreira de Souza
Maria Aparecida Santos Paixão
Maria Aparecida Silveira Brito
Maria Eluisia Fernandes
Nancy Mara Augusto de Souza
Reinado Ferreira de Oliveira
Sandra Aparecida de Carvalho
Sílvia Maria de Albuquerque
Thais Justino de Macedo
ISS Servisystem do Brasil Ltda.

Equipe de segurança e bombeiros

Adriano da Cruz
Adriano Natale
Adriano Pereira da Silva
Alisson Gabriel Tavares
Antonio Kleber dos Santos
Antônio Raimundo C. de Jesus
Arnaldo Machado Vieira
Auriele Tugile Sanches
Carlos Alexandre Jesus
Clayton Mendes de Souza
Cleyfer Robert Souza Rezende
Cristiane de Souza Nascimento
Daniela Brito Ferreira
Danilo Libório Lira
Danilo Pereira Belo
Denis Franciscus Alves Silva
Douglas Nunes Takahashi
Ederson Fernando Neiva
Edson Andre da Silva
Edson Costa
Edson da Silva Mauricio
Emily Mariana do Nascimento
Felipe de Araújo Pereira Santos Mota
Filipe Fernandes dos Santos
Gabriel Costa Procópio Ferreira
Gesu Moreira Santos
Gilberto Henrique de Freitas
Giovanni Colantuono da Costa
Gleison da Silva Souza
Guilherme Castelo Teixeira
Helio Gonçalves da Silva
Jean Paulo Martins Santos
Jhony Correa Santos
João César Santos
José Antônio Santana Neto
Lino Batista Pereira
Lucas Alves de Oliveira
Marcia Regina de Lima
Marco Aurélio Alves de Araújo
Marcos Roberto Moraes
Maria Aparecida Pimentel Santana
Mozart Soares Ferreira
Nadia Aleixo de Souza
Orlando José da Silva
Oscar dos Santos
Patricia Rossi Bronze
Raphael Coutinho Martins
Reginaldo Souza Macedo
Renata dos Santos Almeida
Ricardo Alexandre
Ricardo Silva de Medeiros
Rodrigo Alves de Oliveira Brito
Rodrigo de Oliveira
Rodrigo Faustino Miranda
Sebastião Rebelo da Silva
Sergio Carrara
Tamires Sousa Mares
Thiago Cruz Santana
Ulisses Caetano de Oliveira
Willian Caetano de Oliveira
Yuri Araújo dos Reis
Grupo Esparta Ltda.

RISCOS E RABISCOS

Curadoria e textos

Leonel Kaz

Organização Geral

conceito arte 3

Coordenação de Produção

Ana Helena Curti

Produção Executiva

Julia Brandão

Cenografia

Daniela Thomas e Felipe Tassara

Assistentes

Iara Ito e Tania Mara Menecucci

Iluminação

Santa Luz | André Boll

Consultoria

Cláudio Rocha
Carlos Horcades
Pedro Breda (assistente)

Comunicação Visual

Danowski Design | Sula Danowski
Nathalia Lepsch
Carol Müller Machado

Fotos na exposição

Thiago Leite (painel de abertura)
IMS
Renato De Cara
Maurício Nahas
José Roberto D'Elboux

Fotos para a publicação

Edson Kumasaka
p. 14-15, 18-19, 22-23, 25,
26-27, 30-31, 32(c), 38 (b),
52-53, 56-57, 58-59

Carol Quintanilha
p. 4, 6-7, 8-9, 10, 11, 13, 16, 17,
21, 29, 32 (a e b), 33, 34-35, 36,
39, 54, 94, e orelhas

Maurício Nahas
p. 60-61, e capa

Alessandra Fratus
p. 12, e contracapa

Tratamento de imagem

e pré-impressão
Danowski Design

Impressão da publicação

Gráfica Ipsis

Pesquisa Iconográfica

Sandra Pandeló

Concepção e Direção Multimídia

Aya Studio | Antonio Curti &
Felipe Sztutman

Produção Multimídia

Ana Chun

Assistente Multimídia

Arthur Boeira
Juan Assis

Conteúdo Multimídia

Bloco Studio
Flavio Reis
João Falsztyn
Índice

Sonorização

Aya Studio
Bloco Studio

Coordenação de Montagem

Lee Dawkins

Projeto 3D Multimídia

Gabriel Talamini

Captação de Imagem

Junior Viana

Captação de Vídeo

Breno Vibes

Montagem

Caio Pascuzzi e Juan Manoel Wissocq

Ampliação Fotográfica

Silvio Pinhatti

Execução da Cenografia

EPRM

Administração

João Luiz Calmon

Logística e Transporte

ArtWorld

Seguro

Affinité

Assessoria Jurídica

Olivieri – Consultoria Jurídica em
Cultura e Entretenimento

Equipe de conteúdos tipográficos

Leonel Kaz foi editor de mais de
50 livros de arte gráfica em Edições
Alumbramento, Aprazível Edições e
www.uqeditions.com

Carlos Horcades é professor no
Instituto Europeo di Design e autor
do livro *A Evolução da Escrita*

Cláudio Rocha é especialista em
tipografia. Junto com Tony de Marco,
Claudio é idealizador da revista
Tupigrafia e autor do livro *Tipografia
Comparada: 108 Fontes Clássicas
Analisadas e Comentadas*.

Nossos agradecimentos a
Carlos Perrone e a Marcos Mello

Todos os esforços foram feitos para
encontrar os detentores dos direitos
autorais incidentes sobre as imagens/
obras aqui publicadas, além das
pessoas fotografadas.

Caso alguém se reconheça ou
identifique algum registro de sua
autoria, solicitamos o contato pelo
e-mail: arte3@arte3.com.br.

